

## **Covid-19! QUEM 'DESCOBRIU' QUEM? rumo a uma teoria curricular itinerante dos povos**

Joao Menelau Paraskeva<sup>1</sup>

**Resumo:** Vivemos em uma era que normalizou o absurdo e a anormalidade. De sucessivos caos econômicos e ambientais devastadores, o mundo está agora diante de uma pandemia com uma pegada letal em todo o planeta. O pandemônio se tornou global. Este artigo situa a atual pandemia de Covid-19 no contexto de uma infinita plethora de sagas devastadoras, empurrando a humanidade para uma regressão inimaginável. Ao fazer isso, o artigo examina como essa pandemia reflete as próprias cores de uma cegueira epistemológica intencional, que enquadra o raciocínio eurocêntrico, paralisou a economia política do capitalismo global aprofundando e acelerando uma crise sem fim e sem parar, que começou em 2008. O artigo também explora a construção social da pandemia atual e defende formas de pensar e fazer educação e teoria do currículo, alternativamente, para desafiar o raciocínio eurocêntrico ocidental moderno. Ao fazer isso, avança a teoria itinerante do currículo como uma abordagem justa, uma “teoria do agora” apenas alter-curriculum, que respeita a diversidade pluri-epistemológica do mundo e visa se deslocar de utopias enquadradas dentro das fronteiras determinadas pela colonialidade em direção a um clímax anticolonial e “heretópico”.

**Palavras-chave:** Covid-19. Teoria Itinerante do Currículo. Decolonialismo. Anticolonial.

## **Covid-19! WHO 'DISCOVERED' WHO? towards an itinerant curriculum theory of the peoples**

**Abstract:** We live in an era that normalized the absurd and the abnormal. From successive economic and environmental chaos, the world is now facing a pandemic with a lethal footprint across the planet. The pandemonium has gone global. This article places the current Covid-19 pandemic in the context of an infinite plethora of devastating sagas pushing humanity into an unimaginable regression. In so doing, the article examines how this pandemic reflects the very colors of an intentional epistemological blindness that frames Eurocentric reasoning, paralyzed the political economy of global capitalism by deepening and accelerating an endless and non-stop crisis that began in 2008. It also explores the social construction of the current pandemic and advocates alternative ways of thinking and doing education and curriculum theory to challenge modern Western Eurocentric reasoning. In doing so, it advances the itinerant curriculum theory as a fair approach, a "now theory" just alter-curriculum, which respects the pluri-epistemological diversity of the world and aims to move from utopias framed within the borders determined by coloniality towards an anti-decolonial climax and "heretopia".

**Keywords:** Covid-19. Itinerant Curriculum Theory. Decolonialism. Anti-Colonial.

## **¿COVID-19! ¿QUIÉN 'DESCUBRIÓ' A QUIÉN? hacia una teoría curricular itinerante del pueblo**

**Resumen:** Vivimos en una era que normalizó lo absurdo y lo anormal. Tras el sucesivo y devastador caos económico y medioambiental, el mundo se enfrenta ahora a una pandemia con una huella letal

---

<sup>1</sup> Nascido em Moçambique, é professor do Departamento de Currículo da Universidade de Massachussets/UMASS-Darhmouth, nos Estados Unidos.

en todo el planeta. Pandemonium se ha vuelto global. Este artículo coloca la pandemia actual de Covid-19 en el contexto de una plétora infinita de sagas devastadoras que empujan a la humanidad a una regresión inimaginable. Al hacerlo, el artículo examina cómo esta pandemia refleja los colores mismos de una ceguera epistemológica intencional que enmarca el razonamiento eurocéntrico, paralizó la economía política del capitalismo global al profundizar y acelerar una crisis interminable e ininterrumpida que comenzó en 2008. También explora la construcción social de la pandemia actual y aboga por formas alternativas de pensar y hacer teoría de la educación y del currículo para desafiar el razonamiento eurocéntrico occidental moderno. Al hacerlo, avanza la teoría del currículo itinerante como un enfoque justo, una "teoría del ahora" simplemente alter-curriculum, que respeta la diversidad pluri-epistemológica del mundo y apunta a pasar de las utopías enmarcadas dentro de las fronteras determinadas por la colonialidad hacia un clímax anti-decolonial y "heretopía".

**Palabras llave:** Covid-19. Teoría del Currículo Itinerante. Descolonialismo. Anticolonial.

## Uma regressão cruel

*Ditaduras(contam com)/ dependem do neurótico social.*  
(Gil, 2009, p. 17).

Vivemos em uma era de absurdos. A era cruel do absurdo. E realmente não conseguimos encontrar melhores palavras para descrever, de maneira precisa, o momento que enfrentamos. Parece que não somos apenas leitores e espectadores, e sim personagens reais e bem estruturados de uma meta-peça no Teatro do Absurdo, de Esslin, no Teatro da Crueldade, de Artaud; ou mesmo, “O mito de Sísifo”, de Camus. Não somos os leitores de “A praga”, de Camus, porém estamos encenando surrealista/realisticamente “a praga”. Somos personagens na banalidade de um absurdo cruel, como provavelmente Arendt (1963) o teria enquadrado. O absurdismo/absurdo permeia nossa época.

Oportunamente analisado diante de outros contextos (Paraskeva, 2020), que entre 1900 e 1999 os EUA usaram 4,5 milhões de toneladas de cimento; de 2011 a 2013, a China consumiu 6,5 milhões de toneladas de cimento, ou seja, em apenas 3 anos, a China gastou 50% a mais em cimento do que os EUA consumiram em todo o século anterior (Harvey, 2016). No verão de 2017, em diferentes estados dos Estados Unidos, pela primeira vez na história, um número significativo de aviões comerciais foi impedido de decolar devido às altas temperaturas entre 50 e 51°C, no momento em que o presidente Trump abandonou o Acordo de Paris. Em agosto de 2017 e 2018, a humanidade já havia esgotado os recursos naturais da Terra (Revesz, 2017). O extrativismo está levando o planeta a um limite

insustentável (Walsh, 2018; de La Cadena, Blaser, 2018). Estamos prestes a experimentar um cataclismo ecológico (Virilio, 2012).

Enquanto escrevo este artigo, a dívida nacional dos EUA é superior a 25 trilhões de dólares. Em junho de 2007, “dois *\*hedge funds* precisaram colocar \$3,8 bilhões de obrigações à venda” (Marazzi, 2011, p. 9). Nos EUA, a cada 41 segundos uma criança deixa a escola, naturalizando o já racializado caminho escola-prisão, fazendo do/a país/nação o/a responsável por 25% dos presidiários do mundo (Loury, 2008). O sistema de encarceramento neoliberal nos EUA é um sistema de “pornografia penal punindo os pobres” (Wacquant, 2009, p. 11). Nos EUA, 16 milhões de crianças vivem abaixo da linha da pobreza; e, apenas 14% das crianças nascidas na pobreza, se formarão na faculdade em um período de oito anos após a conclusão do ensino médio. A dívida estudantil está disparando (Williams, 2006) – com aproximadamente 1,3 trilhão de dólares em empréstimos. O chocante é que por uma dívida muito menor, “a União Europeia e o FMI prontamente deixaram a Grécia de lado, assim como impuseram medidas de austeridade aos milhões de cidadãos de países endividados.” (Lazzarato, 2015, p. 65).

No estado do Texas, um distrito escolar restabeleceu o castigo físico (Smith, 2017). Betsy Devos, secretária de educação de Donald Trump, patrocinou fundos federais para armar escolas e professores. Nos EUA, 0,1% do topo da pirâmide acumulou mais riqueza do que todos os restantes 90% da base. Embora a desigualdade seja uma construção social estabelecida bem antes do império (Muthu, 2003), sob o jugo da globalização neoliberal ela é muito maior do que a desigualdade dentro de qualquer país em separado (Bauman, 1997).

Na China, o “consenso de Pequim” de Deng Xiaoping e Xi Jinping impulsionou uma nova economia política socialista com características chinesas (Hung, 2011; Hui, 2011; Enfu & Xiaoqin, 2017), uma “nova gestão política da economia” (Touraine, 1995, p. 10), que reproduz um modelo de colonialidade de “humano, natureza e desenvolvimento” (Walsh & Mignolo, 2018). As dissidências religiosa e cultural foram esmagadas com violência em Hong Kong, conforme demonstrado recentemente.

No Brasil, parece que as massas não têm memória. O país não escolheu uma curva à direita, mas sim uma meia-volta. Parece que Bolsonaro foi eleito presidente não apesar de seus ataques abertos às minorias, comunidades LGBT e às pessoas de cor (Paraskeva, 2020), mas precisamente por causa deles.

Na Índia, “a guinada à direita de Modi desencadeou um nacionalismo beligerante da nação [*rashtra*] hindu” (Vanaik, 2018, p. 45; Patnaik, 1993). Os grupos de direita e de extrema direita compreenderam, com precisão, que a necessidade era “ouvir essas vozes sem concordar com elas; as questões devem ser articuladas sem legitimá-las; e, reconhecidas sem institucionalizá-las” (Gudavarthy, 2018, p. 10). Em Israel, as coisas não são tão diferentes, pois, provavelmente, continua a ser a única nação do mundo sem fronteiras fixas.

Na Hungria e na Polônia, o cenário é também assustador: no primeiro caso, com a ascensão democrática de extrema-direita de Viktor Orbán ao poder, “as classificações culturais foram cada vez mais biologizadas e moralizadas” (Tamás, 2013, p. 26); e no outro, o partido conservador e nacionalista de Andrzej Duda, insuflou mais uma vez os impulsos nacionalistas tribais, desencadeando políticas populistas autoritárias (Koczanowicz, 2016).

Na Venezuela, a liderança de Chávez e as conquistas interrompidas por sua morte prematura estão entrando em colapso com Maduro sob constante ataque, tanto interna quanto externamente. A Venezuela parece uma “nação desdentada que degola galinhas” (Borgo, 2019, p. 27). Na África do Sul de Madiba<sup>2</sup>, a xenofobia, desigualdade e pobreza atingem números alarmantes. A nova burguesia política sul-africana interrompeu a revolução prometida por Mandela (Habib, 2013). De todas as pessoas no mundo sem acesso à água potável, quase 40% vivem na África; 589 milhões de africanos subsaarianos vivem sem eletricidade e cozinham queimando qualquer coisa que encontrem (Paraskeva, 2020).

O Reino Unido “heroicamente” decidiu pelo “*Brexit*”. Eles são feitos com o “outro” e têm o privilégio para tal. *Brexit* “revela impulsos raciais” (Appadurai, 2018, p. 25). Para adicionar mais cinzas ao incêndio ocidental, na Catalunha as pessoas claramente votaram pela independência da Espanha; e, na Andaluzia a extrema-direita Vox, pela primeira vez, conseguiu 12 cadeiras no parlamento. Paris enfrentou a revolta dos “Coletes Amarelos”, um movimento inorgânico que exige quase tudo, mas de formas contraditórias (Žižek, 2018). Assistimos à balcanização do mundo (Rupnik, 2019), “uma boa ilustração do impasse criado pela globalização por meio de mecanismos de mercado” (Amin, 2014, p. 7). Parece que tanto a direita quanto a esquerda, na esfera política, falharam miseravelmente. O caos foi determinado por um enorme desejo eugenista (Mbembe, 2019).

---

<sup>2</sup> Madiba é a forma como Nelson Mandela é carinhosa e respeitosamente tratado na África do Sul.

Estamos testemunhando a sórdida temporada de caça aberta ao “Outro”, um medo que foi levado para além do infinito da razão, um “temor/medo do medo tirando o sujeito da realidade” (Badiou, 2008, p. 31). Ontem, “Negro” e “Judeu” eram os nomes favoritos desses “Outros”. Hoje, “Negros e Judeus são conhecidos por outros nomes: Islã, muçulmano, árabe, estrangeiro, imigrante, refugiado e o intruso, para mencionar apenas alguns” (Mbembe, 2019, p. 42-43). O “novo outro do mal” deve ser derrotado por todos os meios necessários. Essa temporada de caça desencadeou não apenas uma economia permanente de política de guerra e medo, mas também despertou ferozes nacionalismos de supremacia branca, “fomentando o sentimento anti-imigrante [com uma] agenda plutocrática populista de fachada, uma mistura tóxica de ultramilitarismo, nativismo exacerbado contra imigrantes, racismo da lei e ordem, sexismo e anti-intelectualismo.” (Street, 2017, p. 3). O fascismo “está se tornando respeitável”, como certamente diria Horkheimer (1999, p. vi). O medo do “Outro” suplantou o senso comum, nutriu a topologia do idêntico (Han, 2018). A administração do medo foi naturalmente institucionalizada, pressionando “os Estados a criarem políticas de orquestração e gestão do medo” (Virilio, 2012, p. 15).

As enormes ondas de imigração, para escapar da guerra, pobreza e fome, apenas demonstram “o fracasso dos direitos humanos ocidentais dominantes e contradominantes” (Santos, 2015), forçando a reconfiguração de uma utopia concreta. Uma multidão de seres humanos está anunciando de antemão que não tem intenção de bater à porta do Império, mas sim de entrar. Cansaram-se da solidariedade neoliberal eurocêntrica ocidental moderna, baseada na eugenia do “como posso ajudá-los a nos ajudar?” (Han, 2018, p. 17). Sua miséria fala alto e com o advento da globalização, a “eliminação da distância não gerou mais proximidade e sim a destruiu” (Han, 2018, p. 15). Assim, a imigração expôs “as condições enfrentadas pelos trabalhadores de outros países, que constituem uma prova viva de que – em termos humanos – o ‘mundo unificado’ da globalização é uma farsa” (Badiou, 2008, p. 38). Com o advento dos impulsos da direita no mandato da globalização neoliberal, testemunha-se a expulsão do Outro, como diria Han (2018). Parece que nosso tempo é um tempo descompassado (Derrida, 1994).

Aos poucos, o absurdo e a anormalidade foram domesticados. Hoje, vivemos em um “teatro da crueldade” e um ataque terrorista ainda pode chegar às manchetes dos principais jornais, mas infelizmente mal constitui uma surpresa. Enfrenta-se um areópago da violência,

que é o retorno do aparato de guerra no leito de uma máquina social sem sentido (Clastres, 2010). Não há “inocência em um sistema sem sentido” (Baudrillard, 2001, p. 52). Tal teatro turva as fronteiras entre o espetáculo e o simbólico, provocando uma “paralisia de sentido” (Baudrillard, 2001, p. 52). A força desse teatro de crueldade vem justamente de sua falta de lógica e, por isso, está ganhando terreno.

A democracia está, portanto, sendo usada para matar a democracia (Wolf, 2007). O estado de coisas é tão caótico que “se o coração pudesse pensar, teria parado” (Pessoa, 2002, p. 31). As ditaduras dependem do neurótico social” (Gil, 2009, p. 17). Bem-vindo às cores reais do epistemicídio, que “depende da perpetuação da injustiça, em uma sociedade que não é capaz de combater a pobreza, e em vez disso combate os pobres” (Galeano, 1997, p. 216). Trata-se de uma “crise histórica profunda, uma crise estrutural do capital, que é um problema muito mais sério do que a crise do capitalismo” (Mészáros, 1996, p. 57).

Para piorar o estado de caos, no outono de 2019 o mundo vê o surgimento da Covid-19 em Wuhan, na China. No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde declara *Urbe et Orbi*<sup>3</sup>, que o mundo está enfrentando uma pandemia de proporções inimagináveis. Estamos, de fato, diante de um tempo paradoxal. Por um lado,

[...] nosso tempo presente é marcado por enormes desenvolvimentos e mudanças dramáticas, uma era que é conhecida como a revolução eletrônica das comunicações, informação, genética e biotecnologia. Por outro lado, é um tempo de inquietantes regressões, um retorno dos males sociais que pareciam ter sido ou prestes a serem superados. (Santos, 2005, p. VII).

Se a educação pública já estava desmoronando com o impacto de mais de cinco décadas de políticas neoliberais conservadoras agressivas, a pandemia veio abalar profundamente toda a arquitetura da educação pública, tanto na sua forma, quanto no seu conteúdo. Capitalismo e democracia são oximoros contundentes e “quando a democracia concluir que não é compatível com este tipo de capitalismo e decidir resistir a ele, pode ser tarde demais”. Todavia, o “capitalismo já pode ter concluído que a democracia não é compatível com ele” (Santos, 2018, p. 367). Estamos testemunhando uma era de “sintomas

---

<sup>3</sup> “Para as cidades e para o mundo”, frase usada pelo papa ao endereçar sua bênção aos povos, em datas especiais, como natal e páscoa, por exemplo.

de regressão aleatória” (Geisselberger, 2017, p. 10). Estamos diante de um colapso, que não está apenas relacionado a fatores econômicos e culturais, mas que mostra também “uma crise de imaginação social sobre o futuro” (Berardi, 2012, p. 8).

### *Quis est quis? Cuius virum?*

*Teorizar ou escrever sobre isso é colocar nossas categorias  
e nossa linguagem à beira do abismo.*  
(Santos, 2002, p. 9)

A eclosão da atual pandemia não está separada da arrogância da excepcionalidade eurocêntrica. Arrogância esta que levou a uma leitura eugênica de males anteriores – como a SARS (SARG, síndrome aguda respiratória grave, em português) em 2003 – que foram rotulados como o “vírus do Outro”, o que significa “alguma coisa” no reino do “outro lado da linha” (Santos, 2007, p. 45), “algo” assim tornado invisível, inexistente e não real através das visibilidades, existências e realidades do “reino deste lado da linha” (Santos, 2007), um exemplo superior das cores próprias de uma cegueira epistemológica intencional, que enquadra o raciocínio eurocêntrico e que Santos (2014) define como “pensamento abissal”.

Esse narcisismo epistemológico viria com um preço inédito, com o surgimento da Covid-19 e suas consequências letais. As políticas concomitantes de bloqueio e um consequente estado de guerra – contra um inimigo que foi concebido como “invisível” – tornaram-se uma realidade global inevitável, com especialistas espalhados por todo o mundo discutindo questões relacionadas não apenas às causas, tratamento e erradicação do vírus, por meio de vacina, mas também nos aspectos relacionados à economia, com impacto direto na forma de pensar e fazer educação e currículo. Perdidos no pântano de sua própria superioridade racializada, como no passado com SARS e outros surtos epidêmicos, os principais líderes ocidentais não hesitaram em promover uma narrativa eugênica, ligando a atual pandemia a características e matrizes biológicas, algo já antecipado por críticos, como Agamben (2000).

Por um lado, a pandemia ameaça a saúde dos indivíduos – embora as populações oprimidas, pessoas de cor e minorias sejam inegavelmente mais vulneráveis – e, portanto, impacta nações e comunidades ricas e pobres de forma diferente. Por outro lado, espalha-se

por toda a economia política do capitalismo global (Varoufakis, 2020), aprofundando e acelerando uma crise sem fim e ininterrupta, que começou em 2008. Quando a Covid-19 apareceu, encontrou o capitalismo global sentado em uma bolha gigantesca de dívida privada (Varoufakis, 2020). A Covid-19, desse modo, esclarece que se está enfrentando “a crise das crises, uma crise que tem um longo histórico e, muito provavelmente, um longo futuro, uma violenta crise, de uma crise financeira violenta.” (Marazzi, 2011, p. 10).

A pandemia gerou disputas acirradas entre “filósofos que veem as medidas anticontágio – toque de recolher, fronteiras fechadas, restrições a reuniões públicas – como um mecanismo de controle sinistro e governantes que temem que os bloqueios afrouxem seu controle.” (D'Eramo, 2020, p. 23). Dentro dessas disputas, uma reação interessante partiria de Agamben (2020a, 2020b), que alegou que a pandemia não era muito diferente da gripe normal, *una invenzione*, uma declaração contundente que provocou vigorosa reação em cadeia de colegas e aliados próximos. Agamben (2020a, s/pág.) critica a resposta desproporcional intencional à pandemia, argumentando que a Covid-19 foi usada para preparar o caminho para implementar “o estado de exceção como um paradigma de governo normal por razões de higiene e segurança pública.” Por um lado, a Covid-19 também é usada para criar “preocupações frenéticas justificáveis com a economia” e as medidas rápidas necessárias para enfrentar o pandemônio econômico; por outro lado, desencadeia o que se poderia denominar política cultural do medo – um pânico coletivo, para o qual a epidemia oferece o pretexto ideal, pois o medo faz aparecer muitas coisas que se finge não ver” (Agamben, 2020a, s/pág.) – tão conveniente para ajudar a pavimentar condições excepcionais necessárias, como a institucionalização de uma disciplina biopolítica por meio de um estado biopolítico de guerra (Agamben, 2020a), bem como para legitimar um ataque ao que constitui, ou não, a verdade. O medo “[foi] difundido nas consciências individuais” (Agamben, 2020a, s/pág.) por meio de uma “ideologia de massa do petainismo seu credo de que é necessário ter mais medo do vírus do que derrotá-lo.” (Badiou, 2008, p. 32)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Petainismo está intimamente relacionado a Philippe Pétain, uma das figuras mais controversas da história francesa e europeia dos princípios e meados de século passado. De herói destacadíssimo na Primeira Guerra Mundial, tendo ganhado o cognome de “Leão de Verdun”, Henri Philippe Benoni Omer Pétain, torna-se marechal no final da guerra. Ele chegaria, ainda, a chefe de Estado e arrastaria a França para o armistício com a Alemanha Nazista. No final da Segunda Guerra Mundial, viria a ser julgado e acusado de traição e condenado à morte. A sentença viria a ser convertida em prisão perpétua. Nas palavras de Charles De Gaulle – seu delfim –, a vida de Pétain “terá sido banal, depois gloriosa, finalmente deplorável, mas nunca medíocre”. Não obstante

Žižek (2020) refuta a abordagem de Agamben (2020) como um exemplo explícito da "forma extrema de uma postura esquerdista generalizada de interpretar o pânico exagerado causado pela propagação do vírus, como uma mistura de exercício de poder de controle social e elementos de racismo aberto." Argumentando que a pandemia "pode dar um novo impulso ao comunismo", Agamben (2020, s/pág.) acrescenta que "tanto as alternativas à esquerda quanto à direita se recusam a aceitar a realidade plena da epidemia, cada uma enfraquecendo-se em um exercício de redução construtivista social, ou seja, denunciá-la em nome de seu significado social."

Tanto Agamben quanto Žižek provavelmente teriam alcançado um objetivo diferente se tivessem evitado cair em uma espécie de "hiperbolização" política do aspecto político, deixando de lado, assim, a tensão entre "uma realidade à solta e a excepcionalidade da exceção" (Santos, 2020, p. 9). Enquanto o primeiro minimiza na sua afirmação **vigorosa** de que "a dominação não é unidimensional" (D'Eramo, 2020, p. 25 – 26), e como isso é crucial para desvendar a metamorfose das plataformas hegemônicas e contra-hegemônicas (Jessop; Sum, 2016); o último enfraquece tal raciocínio, afirmando que se houvesse um espectro rondando o Império, não seria o comunismo. Não é apenas o fato de que "o comunismo empírico desapareceu; é que mesmo a hipótese do comunismo, se tornou indizível" (Badiou, 2008, p. 24). Enquanto Agamben (2020) nos empurra para uma "interpretação social que não faz a realidade da ameaça desaparecer" (Žižek, 2020, s/pág.), será um erro grave perder-se em tal nuvem infinita de uma sinédoque política, removendo a matriz política da pandemia. O medo, como argumentam Peters e Besley (2021, p. 4), "combina a letalidade do vírus com uma economia debilitada, assim como crise climática e de biodiversidade", que constitui uma característica definidora da modernidade viral – "uma era moderna sem soluções modernas" (Santos, 2018).

Santos (2020) não compromete o aspecto político, levando o debate para uma perspectiva diferente, crucial para o futuro do atual campo curricular. Como está, a pandemia nos leva a distinguir "não apenas entre um estado democrático e um estado de exceção, mas também entre um estado de exceção democrática e um estado de anti exceção democrático" (Santos, 2020, p. 9). Paradoxalmente, enquanto a pandemia expôs uma crença eugênica

---

os seus feitos heroicos, a França e a Europa não esquecem a sua irreversível nódoa colaboracionista com o regime nazi.

reacionária, a forma de abordar tal crença também expôs um dos grandes desafios enfrentados pelo hemisfério da esquerda atual – sua incapacidade de abrir plataformas teóricas contra-hegemônicas tradicionais para desvendar realidades complexas, algo que tem sido marginalizado pelo nosso campo (Paraskeva, 2021). “Teorizar ou escrever sobre isso é colocar nossas categorias e nossa linguagem à beira do abismo.” (Santos, 2002, p. 9).

Embora a espiral dialética desencadeada pelas afirmações de Agamben (2020) seja importante – ele não estava tão notoriamente errado – eu tentaria complicar a conversa, como diria Pinar (2004), embora sugerindo um caminho diferente. Argumento que um exame preciso da Covid-19 e suas consequências levantam a questão latouriana: “onde estava a doença antes do(s) cientista(s)?” Fenômenos, segundo Latour (1999, p. 139), “não estão ‘por aí’ esperando pelo pesquisador para acessá-los”; por exemplo, os “fermentos de ácido láctico devem ‘tornar-se visíveis’ pelo trabalho de Pasteur” (Latour, 1999, p. 139). Assim, a metáfora ótica, acrescenta Latour (1999, p. 139), “pode explicar o visível, mas não para ‘fazer’ algo visível; portanto [em outras palavras], pode explicar como algo é “feito”, mas não por que se tornou visível.”

A abordagem de Latour (1999, p. 136) “onde estavam os micróbios antes de Pasteur?” nos leva a um raciocínio radicalmente diferente. É algo como: “Pasteur cria seus micróbios enquanto os micróbios criam o Pasteur deles” (Latour, 2000, p. 16), já que não se trata de uma matriz de raciocínio menor, ou até anódina, já que não se trata de um real insignificante. Assim como os micróbios, no caso da Covid-19, “o realismo muda quando uma entidade não humana passa a ter uma história também, sendo permitidas a multiplicidade de interpretações, flexibilidade e a complexidade que estavam reservadas até então, para os humanos.” (Latour, 2000, p. 16). Assim, diante da pergunta aparentemente simples: “existiam fermentos antes de Pasteur se dar conta deles?” – ou existia ‘Covid-19 antes dos cientistas a criarem’, a resposta deve ser ‘não’, “eles não existiam antes dele surgir” (Latour, 1999, p. 145). É muito importante entender, porém, que a complexidade de tal questão não “reside na ‘historicidade’ dos fermentos, mas na pequena expressão ‘inventar’” (Latour, 1999, p. 145). Na verdade, não apenas “os micróbios mudaram para nós humanos nos anos de 1850, mas também os micróbios mudaram [e] em seu encontro com Pasteur também, que [em outras palavras], por assim dizer, ‘aconteceu’ para eles.” (Latour, 1999,

p. 145). Além disso, “como todas as espécies vivas [...] a historicidade de um fermento estaria firmemente enraizada na natureza [e] em vez de ser estática, os fenômenos seriam definidos como dinâmicos” (Latour, 1999, p. 145). Uma analogia com a Covid-19 é inevitável. A Covid-19, para nós humanos, mudou em 2019, mas, também, mudou “por-e-em si mesma” em seu encontro com os cientistas, quando estes também “apareceram” para o vírus. Além disso, a Covid-19, como os micróbios, tem uma historicidade concreta dentro da natureza, é dinâmica, cria seus próprios cientistas e vítimas. E Latour nos ajuda a tornar mais complexas as relações de dominação metamorficamente criadas pela Covid-19 e pelo SARS-COV2.

A teoria do currículo não pode se dar ao luxo de estar ausente de tal debate. Como a realidade “não anda por aí com um rótulo” (Apple, 2000, p. 43), a questão é interrogar o máximo que pudermos, não apenas como é “inventado”, mas quem está sendo visado e quem consegue os benefícios de um dado “acontecimento”; e, como tais “encontros” impactam os indivíduos de maneira tão diferente. Como “fenômenos”, “realidade” e “*conhecimento-do-que-você-sabe-e-o-que-você-não-sabe*” são feitos, é de extrema importância. Nosso campo, portanto, falha miseravelmente se não tentar desvendar a trágica transparência do vírus atual e sua onda pedagógica (Santos, 2020). Precisamos de um “*momentum neoteoria*”, ou neoteórico, o que implica um *alter* teórico. Mais do que um *alter* estar teórico, precisamos de um ser teórico anarquicamente diferente que rompa com o que posso denominar por “TeoriaINC”, ou seja, modelos teóricos construídos não só por grupos dominantes, como também pelos grupos que se constituem como dominantes no seio dos contradominantes – na sua esmagadora maioria exemplo fidedigno das verdadeiras cores de uma academia que deixou-se ser uma saudável, ágora de dissidência, tendo-se paulatinamente transformado num estuário de grandes narrativas muitas delas impulsionadas por demandas relacionadas com métricas de produtividade afectas a *rankings* e carreirismo. Resistir à “TeoriaINC” é um ato elementar de liberdade epistemológica.

O surto de Covid-19 trouxe luzes às cores do cruel e do absurdo. Absurdo porque “mostra o mundo como um lugar incompreensível” (Esslin, 1960, p. 5). Ou seja, como espectadores e atores, vemos “os acontecimentos sem nunca compreender o significado completo desses estranhos padrões de eventos, como visitantes recém-chegados poderiam observar a vida em um país do qual ainda não dominam a linguagem” (Esslin, 1960, p. 5).

O lado irracional de nossa própria existência tornou-se real. Cruel não só porque vivemos uma anarquia organizada em que “as formas sociais se desintegram e a ordem desmorona” (Artaud, 1958, p. 15), mas também pela agonia impiedosa provocada pelo impacto desse vírus, especialmente sobre as minorias e pessoas com deficiência. A Covid-19 expôs como todos os sentimentos verdadeiros são, na realidade, intraduzíveis (Artaud, 1958). Um paradoxo normalizado cruel e absurdo, assim como a vida está se tornando inerentemente cruel e absurda.

Tal absurdo revela graficamente, como a modernidade e o culto totalitário da estrutura epistemológica eurocêntrica ocidental moderna estão no limite/máximo. Em uma homenagem a Marx e Engels (2012, p. x), alguém poderia afirmar que “um [novo] espectro está assombrando o eurocentrismo ocidental moderno – o espectro da alteridade [e] todos os poderes da modernidade [EUA, China, Rússia, UE] entraram em uma aliança sagrada para exorcizar este espectro.” Talvez seja este o momento de ousar “aprender a pensar no fim do capitalismo, sem assumir a responsabilidade de responder à pergunta sobre o que se colocar no seu lugar.” (Streeck, 2014, p. 44).

### **O “sonho ilusório”**

*A modernidade foi um sonho ilusório.*  
(Harding, 2008, p. 23).

Textos anteriores (Paraskeva, 2016b; 2020), para todos os efeitos práticos, trazem já o modelo da modernidade ocidental cartesiana, como matriz hegemônica com sua arrogante pretensão de abordar questões sociais globais não está apenas moribundo, está morto. A modernidade foi/é um “sonho ilusório” (Harding, 2008, p. 23). A modernidade está sob a mira de uma arma, devido à impossibilidade de submissão perpétua do 'outro'. Ou seja, “a exclusão e encurralamento na pobreza [melhor dizer, quase extermínio] de africanos, asiáticos e latino-americanos e outras alteridades não ocidentais e suas vontades indomáveis de sobreviver”, levou a modernidade a um ponto insustentável (Dussel, 2013). A modernidade perdeu-se irremediavelmente entre o real e as representações da real(idade). A frase final da modernidade foi determinada em parte pela própria modernidade e seu culto

verdadeiramente totalitário, um *napalm* cultural e econômico que tentava apagar todas as outras manifestações epistemológicas que, paradoxalmente, acabaram sendo sistematicamente reforçadas e fortalecidas a partir dos embates beligerantes com a modernidade (Paraskeva, 2020). Se o colonialismo é um crime contra a humanidade, e o colonialismo e o imperialismo não existiriam fora da modernidade, então a modernidade também não é inocente em tal crime contra a humanidade. Não porque fosse irrelevante para se esquivar das políticas e práticas genocidas, mas precisamente porque sua própria existência depende de sua capacidade de perpetuar o genocídio (Paraskeva, 2020; 2021).

Grandes conquistas em áreas como corrida espacial e tecnologias foram reduzidas a uma pálida inconsequência para a grande maioria da população mundial em face da escravidão, genocídio, holocausto, pobreza, desigualdade, *apartheid* social e cognitivo, injustiça intergeracional e a temeridade de mudar a natureza, entre outras questões (Paraskeva, 2016a; 2016b; 2020; 2021). Dolorosamente, todas essas sagas estão na raiz de tais avanços tecnológicos sociais modernos. A história não absolve e não absolverá o modelo de modernidade cartesiano ocidental. Para confiar na metáfora de Eagleton (2003, p. 1), "parece que Deus não era [moderno]." O século XX, "foi o último século eurocêntrico" (Thernborn, 2010, p. 59). Como Frantz Fanon (1963, p. 26) belamente afirmou: "vamos lá, camaradas, o jogo europeu está definitivamente acabado, é necessário encontrar outra coisa." A eugenia do eurocentrismo é inegável e "afirma que só os europeus podem progredir e que os povos indígenas estão congelados no tempo, guiados por sistemas de conhecimento que reforçam o passado e não olham para o futuro." (Battiste, 2002, p. 4).

Inegavelmente, a "supressão do conhecimento dos povos indígenas das Américas e dos escravos africanos foi o outro lado do genocídio." (Santos *et al*, 2007, p. IX). Desnecessário mencionar como o sistema educacional em geral, e o currículo em particular, estão profundamente implicados em tal epistemicídio. Na verdade, ao identificar "apenas" formas particulares de conhecimento como "oficiais", a escola participa de um epistemicídio contundente (Paraskeva, 2016a; 2018; 2011; 2021; Santos, 1997) – uma ferramenta letal que alimenta a dinâmica da supremacia branca e um império eugênico (hooks, 1994).

Eurocentrismo é o epistemicídio (Paraskeva, 2016a; 2016b; 2020; 2021). É o reforço de uma *Occidentosis* profunda – uma praga do Ocidente, uma doença como a tuberculose "que se assemelha a uma infestação de carunchos" (Ahmad, 1987, p. 27; ver também, Paraskeva, 2019;

2021). O eurocentrismo não é propriamente uma teoria social, é antes “um preconceito que distorce as teorias sociais” (Amin, 2008, p. 166). Como Santos (2007, p. 45) argumentou antes, o pensamento eurocêntrico ocidental moderno “é um pensamento abissal que consiste em um sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo as invisíveis o fundamento das visíveis.” Essas linhas abissais constituem o próprio cerne “do fundamento epistemológico da ordem capitalista e imperial que o Norte global tem imposto ao Sul global” (Santos *et al*, 2007, p. IX). Não há “outro incompleto” (Todorova, 1997). Invisibilidade e inexistência de “um lado” são as raízes da visibilidade e existência do “outro lado”.

No confuso contexto existente, Schwab (1978, p. 287) provavelmente diria:

[...] o campo da [modernidade] está moribundo. É incapaz, por seus métodos e princípios atuais, de continuar a trabalhar e contribuir significativamente para o avanço da [sociedade em geral e] da educação [em particular]. Requer novos princípios, que irão gerar uma nova visão do seu caráter e variedade de seus problemas. Requer novos métodos adequados ao novo elenco de problemas.

Se a modernidade estava realmente em um estado moribundo, em que lutava para enfrentar os grandes desafios das demandas predatórias impostas pelo complexo emaranhado e enquadrado da terceira fase hegemônica do capitalismo (ver Arrighi, 2005), o advento de uma explosão negativa, a globalização (Giroux, 2006) – com todas as suas consequências locais, por vezes quase irreversíveis (Bauman, 1998) – e sua condição, foram muito além de um estado de agonia. Para confiar nas palavras de um dos maiores pedagogos “tillicheanos”<sup>5</sup>, Dwayne Huebner, “agora o fim está próximo, vamos reconhecer sua morte,

---

<sup>5</sup> Paul Johannes Tillich, filósofo existencialista alemão e um dos mais influentes teólogos ocidentais do século XX foi membro do Instituto de Investigação Social de Frankfurt – vulgo Escola de Frankfurt. Dirigiu a tese de doutoramento de Theodor Adorno sobre a estética de Kierkegaard. Como Decano do Instituto, apoiou a contratação de Max Horkheimer, que fazia parte do seu círculo de convívio junto com Theodor Adorno, Leo Lowenthal. Foi dos primeiros intelectuais alemães a serem expulsos por Adolf Hilter. Foge para os Estados Unidos, lecionando no “Union Seminary”, em New York, em frente ao “New School”, na “Columbia University”, onde lecionava Max Horkheimer. Uma vez nos Estados Unidos, Tillich retoma os contatos com velhos camaradas da Escola de Frankfurt, como Horkheimer e Adorno. Através da sua doutrina – “Princípio Protestante” – Tillich não só dissecou o poder revolucionário da arte moderna, ajuda a derrubar o mito marxista ortodoxo de base – superestrutura, como coloca – como grande existencialista que foi – uma das sílabas tónicas no sujeito – este sim uma construção finita, limitada – por complemento a uma dimensão infinita, ilimitada. Rasgou ainda uma crítica violentíssima às desumanas exigências de sociedade capitalista, muito comprometida com uma indústria cultural primordial de mecanismos de reificação. É ainda uma voz acutilante na crítica aos *mass media* e o seu papel da construção de perigosos sentidos comuns. Não deixa de ser estranho – ou provavelmente até nem é – a ausência do pensamento e obra na teoria do currículo.

nos reunir no velório, celebrar com alegria aquilo que o [modelo de modernidade cartesiana ocidental] tornou possível e depois nos dispersarmos para fazer nosso trabalho, porque não somos mais membros de uma mesma família” (Huebner, 1976, p. 154-155). Acho que Latour (1993) não estava tão errado quando reclamou que nunca fomos modernos. Nosso campo – seja quem for que o "nosso" signifique – não é inocente em tal epistemicídio (Paraskeva, 2016a; 2016b; 2018; 2021). Precisamos lutar por uma teoria e prática de currículo que se afaste de áreas governadas pelos sistemas dominantes de significado, que nos mantêm confinados a certas estruturas, mas sem negligenciá-las ou diminuí-las. Temos um *momentum* de “teoria do agora”. Em suma, precisamos desterritorializar a teoria do currículo (Paraskeva, 2014; 2011; 2016a) para um caminho itinerante, o que implica um teórico de currículo radicalmente diferente também.

### **Teoria itinerante do currículo como teoria do agora**

*Inimigo eterno da teoria, a reificação.*  
(Jameson, 2004, p. 404).

A Covid-19 é apenas um sintoma, o mais recente, da regressão social contemporânea. O atual absurdo cruel que enfrentamos no momento como humanidade, também não encontra a teoria do currículo no seu melhor momento. Nosso campo enfrenta o "inimigo eterno da teoria, a reificação" (Jameson, 2004, p. 404). Vivemos um "teoricídio", que não é necessariamente uma ausência de teoria (Paraskeva, 2021). Na verdade, não vivenciamos um momento teórico forte; é justamente o contrário, pois estamos enfrentando uma involução curricular (Gil, 2009; Paraskeva, 2021) – isto é, na luta pelo currículo dos EUA nem as tradições dominantes, ou mesmo as contradominantes, foram capazes de reivindicar a vitória total. Enquanto o “velho estiver morrendo, o novo não pode nascer” ainda (Gramsci, 1999, p. 276). E dentro desse impasse, o epistemicídio vai se perpetuando. Isso não é pouca coisa e nos ajuda a entender que “a construção social realizada pelas políticas neoliberais é um cobertor muito curto para explicar ‘os problemas’ da teoria crítica e da pedagogia” (Paraskeva, 2021, p. 30). O ‘Juízo Final’ *quasi* contemporâneo não está separado também de uma série de insuficiências naturais dentro da própria plataforma contra-hegemônica, apesar das enormes realizações. O domínio direitista não está separado de um *establishment*

de esquerda" ONDE ABREM AS ASPAS? muito real (Cusset, 2018).

Eu argumento que não há saída para tal absurdo, a menos que não se esteja comprometido com a abertura do cânone onto-epistemológico da colonialidade, que sustenta o jugo da moderna matriz eurocêntrica ocidental. Concomitantemente, também defendo que seria impossível desestabilizar tal cânone sem um claro compromisso com “diferentes-outras formas de pensar, teorizar, fazer educação e currículo alternativamente” (Paraskeva, 2012; Santos, 2014).

Com a Covid-19 – e seu impacto na sociedade e nas escolas – o que ficou ainda mais claro é que vivemos uma “era moderna sem soluções modernas, uma era de perguntas fortes e respostas fracas.” (Santos, 2009, p. 3). A pandemia evidenciou, sem dúvida, quem é quem nas estruturas sociais de desigualdade e como a educação e o currículo estão profundamente imbricados em tais estruturas. Políticas como abrigo – quando tantos estão desabrigados –, aprendizagem remota – presumindo arrogantemente que todo mundo tem um computador e acesso à internet em casa –, e escolas fechadas – ignorando que para muitas crianças escola significa alimentação –, apenas mostraram as verdadeiras cores do "padrão colonial do poder" (Quijano, 1992). A pandemia veio esclarecer o que muitos de nós denunciávamos há muito tempo, aquilo que inúmeras pesquisas científicas vêm demonstrando de forma inequívoca – um sistema educacional e curricular intencionalmente desigual, apoiado por uma pedagogia eugênica patriarcalmente dominante, eficiente na promoção da sobrevivência dos mais aptos e um triturador de igualdade. E, como se isso já não fosse trágico, a pandemia também propõe uma pedagogia de "mais do mesmo", portanto, ainda mais cruel, como podemos ver no currículo excepcional e nas medidas educacionais pedagógicas que foram postas em prática para enfrentá-la, com impacto devastador em comunidades pobres e minorias. A Covid-19 é, portanto, uma questão de direitos civis, uma crueldade que é uma tragédia conhecida para a grande maioria dos oprimidos. No Sul global, que foi colocado em quarentena eugênica por séculos, as comunidades sabem muito bem como o vírus veio junto com os europeus e como parte da limpeza colonial – durante o século XVIII, os colonos britânicos na América davam aos nativos americanos cobertores infectados com varíola, apenas para sinalizar um exemplo.

Portanto, precisamos apenas de um momento alternativo de “teoria de/para agora”

(Surin, 2011, p. 30) – uma teoria do agora que não ignore a razão histórica (e a falta dela) e não mutile o futuro. A realidade em que nos encontramos implora urgentemente por tal teoria. Dentro dos próprios sintomas da teoria do currículo como está – com todas as suas realizações e desafios – depende de fato dos próprios sintomas que imploram por uma teoria alternativa do currículo "de agora" (Jameson, 2004). Esse "de agora", seria uma teoria que entende a "teoria antes e a teoria depois" (Surin, 2011, p. 30), que reconheça que o motivo pelo qual se critica, não pode ser o mesmo motivo que emancipa (Santos, 1999), respeitando, assim, a validade e a legitimidade onto-epistemológica das formas diagramáticas não ocidentais, não eurocêtricas de pensar, como Deleuze e Guattari (1987) o enquadrariam, como parte e ao mesmo tempo além do Norte Global. A teoria do currículo agora rompe veementemente com a crença de que "somos contemporâneos de tudo – passado e futuro – e tudo está presente, somos apenas 'contemporâneos' porque tudo é contemporâneo e presente." (Gil, 2018, p. 405). Tal impulso do "agora" / *momentum* só é possível por meio de uma teoria itinerante do currículo, uma declaração onto-epistemológica de independência.

Abordar tamanho retrocesso, responder aos desafios desencadeados pela atual pandemia, criar oportunidades justas para todos e ajudar educadores e pais a atender às necessidades dos alunos, implica no tal caminho itinerante que se relaciona com a infinita diversidade onto-epistemológica do mundo. Como um hino da copresença radical dessas mesmas perspectivas ilimitadas, os teorizares itinerantes do currículo, como teoria "agora" são também a morte do credo dos intelectuais de vanguarda que "escrevem sobre o mundo, mas não com o mundo" (Santos, 2020, p. 9). A TCI reage ao "pensamento excepcional em tempos normais e compromete-se a pensar a exceção em tempos excepcionais." (Santos, 2020, p. 9). Em termos de TCI, essa copresença radical é uma isonomia plena (Karatani, 2017), ou seja, uma ausência totalitária de governantes e governados epistemológicos, ajudando assim a descentralizar o jugo da modernidade eurocêntrica por dentro. As TCI são, portanto, uma metamorfose curricular de isonomia, ao argumentar que: "a prática caótica e evasiva dos dias está além da teorização e precisa ser entendida em um modo de subteorização." (Santos, 2020, p. 9). Como teoria "agora", TCI é uma crítica pária não derivada "agora" feita pelo crítico "agora", desafiando o culto do presentismo (Pinar, 2004) ou momentismo (Paraskeva, 2014, 2016a, 2016b 2011) contra "o inferno do idêntico, uma violência que torna tudo intercambiável, compatível e, portanto, idêntico" (Han, 2018,

p. 18-19) – tão visível na forma como a letalidade da pandemia atual foi fabricada. As TCI são *poiesis* de libertação que implica a libertação da *poiesis*, que reconhece que somos todos intelectuais (Gramsci, 1999), argumentando assim que os intelectuais “devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e aspirações dos cidadãos comuns e saber como partir deles para teorizar. Caso contrário, os cidadãos ficarão indefesos perante os únicos que sabem falar a sua língua e compreender as suas preocupações.” (Santos, 2020, p. 9).

### **A imparidade da teoria curricular crítica**

*Os estranhos tendem a causar preocupação precisamente porque são estranhos.*  
(Bauman, 2004, p. 7).

Há um aspecto que sobressai, e que gostaria de chamar a atenção, do questionamento que tem vindo a ser feito à teorização crítica. Em muitos casos, a teorização crítica medrou numa imparidade com a realidade que tanto lutou para dissecá-la e transformá-la, seguindo, neste particular, um dos maiores desafios propostos por Marx numa das suas importantes teses de Feuerbach. Essa imparidade teórica do crítico viria a ser letal para um terreno multidisciplinar como é o do crítico que lavrou todo o seu esplendor eclético no terreno da metonímia. A imparidade contaminou o todo e a parte. O seu carácter metonímico histórico deveria ter empurrado o campo teórico e os teóricos críticos para um curto-circuito constante com o real tratado. Esta ausência de curto-circuito amordaçou a metonímia crítica como riqueza inquestionável, uma riqueza que chegou a lhe permitir pensar poder ser e estar como a hegemonia das contra hegemônias; em muitos casos e em muitos espaços pensou mesmo ser e estar como “a contra-hegemonia” que se exportava *bottom-up* para vários pontos do globo.

É, aliás, essa imparidade teórica – tratada não só nos escritos de Slavoj Žižek, Terry Eagleton, Fredric Jameson, Elizabeth Ellsworth, como também nas abordagens de Boaventura de Sousa Santos, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Walter D Mignolo, Catherine Walsh, Paget Henry, Paulin Hontondji – que impõem a obrigatoriedade de uma avenida anti e decolonial no terreno do crítico. O anti e decolonial outorga outra autoridade

epistemológica ao terreno do crítico e a seus teóricos.

Essa imparidade teórica do crítico inundou o campo do currículo – *curriculum imparity* – e nem sequer precisamos da artilharia intelectual anti e decolonial para a esfoliar (cf. Gil, 2009). Uma revisitação a Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman ajuda-nos neste particular. Os conceitos de “imigração” no primeiro e o de “estranhos” no segundo demonstram a gravidade da imparidade da teoria crítica do currículo. A teoria curricular crítica que tanto nos deu e com a qual tanto se conquistou – justiça seja feita – não tira hoje o sono ao hegemônico; deixou de produzir “estranheza”, deixou de ser uma coisa “estranha” produzida por “estranhos”; tornou-se previsível. Os estranhos, adianta Bauman (2004, p. 7), “tendem a causar preocupação precisamente porque são ‘estranhos’, isto é, terrivelmente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com quem interagimos no dia a dia e que pensamos saber o que esperar.”

Dada a sua previsibilidade epistemológica, a teoria curricular crítica deixou de constituir uma ameaça e de poder continuar a “mutilar ou erradicar” (Bauman, 2004, p. 7) uma dada forma de pensar teoria e construir o mundo. Não cria dano ao que Bourdieu (2001, p. 7-8) tratou por poder simbólico, “esse poder invisível o qual pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” Deixou de ser a teoria do amotinamento (Saramago, 1999, p. 43). Deixou assim de ser um produtor e condutor de “imigração de novas ideias” (Bourdieu, 2001, p. 7), e mesmo, o que se tenciona como novo, persiste redutoramente atracado a um espartilho onto-epistemológico incapaz de ir para além da plataforma moderna ocidental eurocêntrica. Estamos, assim, com uma teoria cansada de uma “concepção *eurocêntrica* do tempo, do espaço, do número, das causas” (Bourdieu, 2001, p. 9) que de alguma forma abdica de uma copresença epistemológica radical (Santos, 2014). A imparidade do campo de estudos críticos do currículo acaba por macular o seu próprio “habitus, o conhecimento adquirido, o seu haver, o capital que estrutura o primado da sua razão prática.” (Bourdieu, 2001, p. 61).

Importa uma teoria outra – assumidamente itinerante – que só se consegue com um outro teorizar, e que fiel aos princípios éticos de justiça epistemológica nos ajude a “arrumar as palavras” de outra forma (Saramago, 1999, p. 86). Não há futuro sem morte como diria Saramago (2009). Ou seja, e como argumentado e analisado com outra profundidade num outro contexto (Paraskeva, 2021) a teoria crítica, em geral e a teoria

educacional e curricular crítica, em particular, da forma como a temos pensada e pensado, tem que morrer.

Urge-nos um *theorexit* da lógica teórica tóxica, para um espaço desterritorializado, uma zona descolonizada. Precisamos de um jejum teórico do tipo de teoria crítica que temos feito. Ao caminhar para um terreno descolonial, a teoria crítica promove o fim de sua lógica eugênica interna. Não há uma teoria curricular crítica justa sem a descolonização do campo crítico do currículo. (Paraskeva, 2021, p. 166).

Este “fim”, como diria Gil (2008), é também a morte do ‘I/self’ e das suas metamorfoses; é também o abalar do poder da palavra que medra no eixo eurocêntrico *langue-parole* do crítico, eixo esse estruturante na construção e sedimentação do poder simbólico que jorra “da própria estrutura do campo em que se produzem e reproduzem” as crenças epistemológicas, “cuja produção não é da competência das palavras” (Bourdieu, 2002, p. 16). Esse fim, que não é de todo o fim do crítico, é, todavia, no seu esplendor, um compromisso inegociável com o pensar crítico sensível à diversidade epistemológica do mundo – gênese de uma utopia outra – e possível através de uma perspectiva teórica itinerante.

### **Da utopia para a “heterotopia”**

*A dívida cartesiana moderna tomou o lugar do maravilhoso.*  
(Han, 2015, p. 14).

A Covid-19 é um alerta para aprender a desaprender o que aprendemos (Tlostanova; Mignolo, 2012) e que, como um campo, não se pode desistir da luta pela justiça social, cognitiva e intergeracional. Com isso, quero dizer que precisamos sair de estruturas utópicas hegemônicas e contra-hegemônicas tradicionais predominantemente eurocêntricas, nas quais “a utopia foi adiada em idealismo” (Baudrillard, 2006, p. 61). Como a “dúvida cartesiana moderna ocupou o lugar do espanto” (Han, 2015, p. 14), nossa tarefa não é “atirar nos utópicos” (Santos, 1995), pois devemos muito a eles (Paraskeva, 2021), mas sair das utopias enquadradas nas fronteiras determinadas pela colonialidade em direção a um clímax anti e decolonial e “heterotópico”. Ou seja,

[...] em vez da invenção de um lugar em outro lugar ou em lugar nenhum, proponho um deslocamento radical dentro do mesmo lugar: o nosso. Da ortotopia à heretotopia, do centro à margem. O propósito desse deslocamento é permitir uma visão telescópica do centro e uma visão microscópica daquilo que o centro é levado a rejeitar, a fim de reproduzir a credibilidade como centro. (Santos, 1995, p. 481).

Essa heterotopia é diferente (Paraskeva, 2020; 2021), na medida em que aceita que a única imagem autêntica do futuro é o fracasso do presente, em sua incapacidade de lembrar vislumbres de nosso potencial proporcionado por nossa própria experiência (Eagleton, 2000). Nesse sentido, não é um ideal que poderia ser “simplesmente lançado de paraquedas na sociedade a partir de algum ponto no espaço exterior metafísico” (Eagleton, 2000, p. 34). Precisamente porque “a utopia é a metáfora de um hiper-déficit que se formula em um nível em que não pode ser cumprido e que aquilo que tem de importante não é o que diz sobre o futuro, mas a arqueologia virtual do presente que o toda epistemologia existente como condição *sine qua non* para uma justa “teoria-curriculo agora”. Tal heterotopia apresenta” (Santos, 1995, p. 482), sendo crucial um compromisso com uma crítica implacável de muda "perspectiva e escala, subvertendo as combinações hegemônicas de tudo o que existe, destotaliza significados, desuniversaliza universos, desorienta mapas e seu único objetivo é revirar o leito sobre o qual repousam subjetividades em um sono injusto.” (Santos, 1995, p. 4).

O que faz com que as sociedades mudem, afirma Santos (1999, p. 213), é “o excesso de problemas que elas levantam em relação às soluções que possibilitam.” A utopia, ao contrário, “reside não em propor soluções desproporcionais aos problemas colocados, mas sim na capacidade de formular novos problemas para os quais não há (ou ainda não há) soluções.” (p. 214). Embora certamente não seja uma tarefa fácil, é uma boa maneira de entender os desafios que as mudanças enfrentam. Seria inteligente visitar o grande estudioso do currículo, Dwayne Huebner (1967, p. 174), para quem o problema do nosso campo “não é mais explicar a mudança, mas explicar a não mudança”. Embora não seja o caso de coragem, a honestidade intelectual sim (Cabral, 1974), é necessária para “admitir que a luz no fim do túnel é muito provavelmente o farol de outro trem se aproximando de nós na direção contrária” (Žižek, 2016, p. 354), há esperança em um sistema inundado de rachaduras (Certeau, 1988). A Covid-19 é apenas mais um sintoma letal da “humanidade moderna que não é concebível sem uma subhumanidade moderna” (Santos, 2007, p. 52). É

nossa tarefa trabalhar dentro das rachaduras do sistema, e simplesmente não consigo ver uma maneira melhor de fazer isso do que por meio de uma teoria itinerante do currículo.

A vacina é apenas um pedacinho – embora crucial – do absurdo.

Continua....

## Referências

- Agamben, G. (2000). **Means without End. Notes on Politics.** Minnesota. University of Minnesota Press.
- Agamben, G. (2020a). The state of exception provoked by an unmotivated emergency. **Positions Politics.** Retrieved: <http://positionswebsite.org>.
- Agamben, G. (2020b). Giorgio Agamben: Normalising the state of exception under the Covid-19 epidemic. **Biopolitics.** Retrieved: <https://non.copyriot.com>.
- Al-L-Ahmad, J. (1987). **Occidentosis. A Plague from the West.** Iran: Mizan Press.
- Amin, S. (2014). **Capitalism in the Age of Globaliation.** The Management of Contemporary Society. London: Zed Books.
- Apple, M. (2000). **Official Knowledge.** New York: Routledge.
- Appadurai, A. (2018). O Cansaço da Democracia. In: Heinrich Ginselberger (2017) (Ed.) **O Grande Retrocesso.** Um Debate Internacional sobre as Grandes Questões do Nosso Tempo. Lisboa: Objectiva, pp., 17 – 31.
- Arendt, H. (1963). **Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil.** New York: Viking Press.
- Artaud, A. (1958). **The Theater and its Double.** New York: Rove Press.
- Badiou, A. (2008). The Communist Hypothesis. **New Left Review**, 49, pp. 29 – 42.
- Baudrillard, J. (2001.) Our Theatre of Cruelty. In C. Kraus and S. Lotringer (Eds) **Hatred of Capitalism.** A Semiotext(e) Reader. Los Angeles: Semiotext(e), pp. 51 – 56.
- Bauman, Z. (1997). **Globalization.** The Human Consequences. London: Blackwell Publishers.
- Bauman, Z. (2004). **Identity.** Cambridge: Polity Press.
- Berardi, ‘B.’, F. (2012). **The Uprising.** On Poetry and Finance. Los Angeles: Semiotext(e).

- Borgo, K. (2019). **Cai a Noite em Caracas**. Lisboa: Alfabeta.
- Bourdieu, P. (2001). **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL.
- Cabral, A. (1974). **Return to the Source**. New York: Monthly Review Press.
- Camus, A. (1948). **The Plague**. New York: Alfred Knopf.
- Camus, A. (2005). **The Myth of Sisyphus**. New York: Penguin Books.
- Clastres, P. (2010). **Archeology of Violence**. Los Angeles: Semiotext(e).
- DeCerteau, M. (1988). **The Practice of Everyday Life**. Berkeley: University of California Press.
- Deleuze, G. and Guattary, F. (1987). **A Thousand Plateaus II**. Capitalism and Schizophrenia. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- D'Eramo, M. (2020). **The Philosophers Epidemic**. *New Left Review*, 122, pp., 23 – 28.
- Derrida, J. (1994). **Specters of Marx**. New York: Routledge.
- Enfu, C. & Xiaoqin, D. (2017). A Theory of China's Miracle. Eight Principles of Contemporary Chinese Political Economy. **Monthly Review Press**, 68 (8), pp. 1 – 12.
- Esslin, M. (1960). The Theatre of the Absurd. **The Tulane Drama Review**, 4 (4), pp., 3-15.
- Galeano, E. (1997). **Open Veins of Latin America**. Five Centuries of Pillage of a Continent. New York: Monthly Review Press.
- Geiselberger, H. (2017). **O Grande Retrocesso**. Um Debate Internacional sobre as Grandes Questões do Nosso Tempo. Lisboa: Objectiva.
- Gil, J. (2009). **Em Busca da Identidade**. O Desnorte. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gil, J. (2018). **Caos e Ritmo**. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gudavarthy, A. (2018). **India After Modi**. Populism and the Right. London: Bloomsbury.
- Habib, A. (2013). **Suspended Revolution**. Ohio University Press.
- Han, B.-C. (2018). **A Expulsão do Outro**. Lisboa. Relógio D'Água.
- Harvey, D. (2016). **Senior Loeb Scholar Lecture**. Harvard University. Graduate School of Design. Retrieved: [https://www.youtube.com/watch?v=pm\\_UgX--ef8&t=927s](https://www.youtube.com/watch?v=pm_UgX--ef8&t=927s).
- Huebner, D. (1967). Curriculum as Concern of Man's Temporality," **Theory into Practice**, 6 (4), pp., 172–9.

- Hui, W. (2011). **The End of the Revolution**. London: Verso.
- Hung, Ho-Fung (2011). Paper-Tiger Finance? **New Left Review**, 72, pp. 138 – 144.
- Jameson, F. (2004). Symptoms of Theory or Symptoms for Theory. **Critical Inquiry**, 30, pp., 403 – 408.
- Loury, G. (2008). **Race, Incarceration and American Values**. Cambridge: MIT.
- Koczanowicz, L. (2016). The Polish Case. Community and Democracy under PiS. **New Left Review**, 102, pp., 77 – 96.
- Latour, B. (1999). **Pandora's Hope. Essays on the Reality of Science Studies**. London:
- Lazzarato, M. (2015). **Governing by Debt**. Amsterdam: Semiotext.
- Marazzi, C. (2011). **The Violence of Finance Capitalism**. Los Angeles: Semiotext(e).
- Mbembe, A. (2019). **Necropolitics**. Durham: Duke University Press.
- Paraskeva, J. (2011). **Conflicts in Curriculum Theory**. New York: Palgrave.
- Paraskeva, J. (2016a). **Curriculum Epistemicides**. New York: Routledge.
- Paraskeva, J. (2016b). “Brutti, Sporchi & Cattivi”: Towards a Non-Abysal Curriculum. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 9(18), 75-90.
- Paraskeva, J. (2018). **Towards a Just Curriculum Theory**. The Epistemicide. New York: Routledge.
- Paraskeva, J. (2020). What happen to (curriculum) critical theory? The need to go above and beyond neoliberal rage without avoiding it. In Tero Autio, Liisa Hakala & Tiina Kujala (Eds.), **Transitions and Signs of Time in Education: Curriculum Research Perspectives**. Tampere University Press, pp., 145 – 186.
- Paraskeva, J. (2021). **Curriculum and the Generation of Utopia**. New York: Routledge.
- Peters, M. & Besley, T. (2021). Introduction. Education, Philosophy and Viral Politics. In M. Peters and T. Besley (Eds) **Pandemic, Education and Viral Politics**. New York: Routledge, pp. 1 – 8.
- Pinar, W. (2004). **What is Curriculum Theory**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Publishers.
- Revesz, L (2017). Earth Overshoot Day. **Independent**. Aug, 2. Retrived: [www.independent.co.uk](http://www.independent.co.uk).
- Santos, B. (1999). Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 54, Junho, pp., 197 – 215.

Santos, B. (2005). **Democratizing Democracy**. London: Verso.

Santos, B. (2014). **Epistemologies of the South: justice against epistemicide**. Boulder: Paradigm.

Santos, B. (2018). **The End of the Cognitive Empire**. Durham: Duke University Press.

Santos, B. (2020). **A Cruel Pedagogia do Virus**. Coimbra: Almedina.

Saramago, J. (1999). **Folhas Políticas**. Lisboa: Caminho.

Saramago, J. (2009). **Death with Interruptions**. Orlando: Houghton & Mifflin Harcourt Publishing.

Smith, A. (2017). **School District Votes To Bring Back Paddling For Disobedient Students**. Do You Support This? American Web Media. Retrieved Nov 27, 2017: [americanoverlook.com/school-district-votes-to-bring-back-paddling-for-disobedient-students-do-you-support-this-3](http://americanoverlook.com/school-district-votes-to-bring-back-paddling-for-disobedient-students-do-you-support-this-3).

Street, P. (2017). Slandering Populism: A Chilling Media Habit. **Counterpunch**. Retrieved: [www.counterpunch.org](http://www.counterpunch.org).

Surin, K. (2011). Theory Now? **The South Atlantic Quarterly**, 110 (1), pp., 2 – 17.

Tamás, G. M. (2013). Words from Budapest. **New Left Review**, 80, pp. 5 – 26.

Tlostanova, M. and Mignolo, W. (2012). **Learning to Unlearn**. Decolonial Reflections from Euroasia and the Americas. Ohio: Ohio State University.

Touraine, A. (1995). **Carta aos Socialistas**. Lisboa: Terramar.

Vanaik, A. (2018). India's Two Hegemonies. **New Left Review**, 112, pp., 29 – 59.

Virilio, P. (2012). **The Administraton of Fear**. Los Angeles: Semiotext(e).

Wacquant, L. (2009). **Punishing the Poor**. The Neoliberal Government of Social Insecurity. Durham: Duke University Press.

Walsh, C. (2018). Insurgency and Decolonila Prospect, Praxis and Project. In Catherine Walsh and Walter Mignolo. **On Decoloniality**. Concepts, Analytics, Praxis. Durham: Duke University Press, pp. 33 – 56.

Walsh, C. and Mignolo, W. (2018). Introduction. In Catherine Walsh and Walter Mignolo, **On Decoloniality**. Concepts, Analytics, Praxis, Durham: Duke University Press, pp., 1 – 12.

Williams, J. (2006). **Debt Education: Bad for the Young, Bad for America**. Dissent. Retrieved: <https://www.dissentmagazine.org/article/debt-education-bad-for-the-young-bad-for-america>.

Žižek, S. (2018). **Slavoj Žižek on Yellow Vests**. How to Watch the News. A Short Video Series. RT Production: [www.youtube.com/watch?v=TrdPchnAR60](http://www.youtube.com/watch?v=TrdPchnAR60).

Žižek, S. (2020). Monitor and Punish? Yes, Please! The **Philosophical Salon**. Retrieved: [hephilosophicalsalon.com](http://hephilosophicalsalon.com).

Submissão em: 10-07-2021

Aceito em: 05-09-2021